

A RELAÇÃO BRASIL-PORTUGAL E O POETA GOMES LEAL: O PROTESTO D'ALGUÉM E A CARTA AO DR. CAMPOS SALES

Luzia Ribeiro de Carvalho¹

RESUMO

O ano de 1889 marcou a queda do império e a Proclamação da República brasileira. O Imperador do Brasil, Dom Pedro II, foi deposto de seu cargo e mandado para o exílio na Europa. Em meio aos acontecimentos que antecederam a república, houve em julho de 1889 um atentado na cidade do Rio de Janeiro contra a vida do monarca brasileiro. Do outro lado do atlântico, o poeta e republicano Gomes Leal recebe com indignação a notícia e escreve uma carta intitulada de "*Protesto D'alguém. Carta ao Imperador do Brasil.*" O poeta que já havia escrito "*A morte do rei Humberto*" poema panfletário sobre a morte do Rei Humberto da Itália assassinado em 1900, expõe sua indignação e se questiona sobre quem aspiraria a tal ato. Exaltando a figura de Pedro II, reflete sobre quais poderiam ser os motivos que levariam um compatriota a cometer a tentativa de assassinato. A carta foi escrita em 1889. Ainda sobre os laços entre Brasil e Portugal, Gomes Leal dessa vez encaminha para o então presidente da República do Brasil, o Dr. Campos Salles, uma carta que introduziu o livro *Fim de um mundo - Satyras Modernas* publicado em 1899. Um monarca e um republicano, um atentado e uma crítica ao momento político e social que a sociedade europeia estava passando. Republicano exaltado e conhecido por sua crítica ácida ao regime monárquico, demonstrou também ser contrário aos atentados e regicídios. Assim, procuramos com essa comunicação apresentar a obra escrita pelo poeta português Gomes Leal e a contradição com a sua posição republicana e a defesa ao imperador brasileiro, bem como o seu relacionamento com o então presidente Campos Salles.

Palavras-chave: Gomes Leal, Protesto de Alguém. Carta ao Imperador do

¹ Mestranda com o apoio da CAPES em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, luziarcarvalho@gmail.com;

Brasil, Laços Transatlânticos, Periódicos.

Antônio Duarte Gomes Leal nasceu em Lisboa em 1848 e morreu na mesma cidade em 1921 e foi um poeta português que desde o início de sua vida literária gerou contradições e posições exaltadas. Iniciou sua caminhada literária através dos jornais ainda bem jovem com menos de 20 anos. O primeiro grande periódico que colabora é *Revolução de Setembro* (1840-1901) em 1867 com poesias. Viveu uma vida intensa ao longo dos seus 71 anos. Transitou pela boemia e pelos bancos das igrejas, bebeu o vinho das casas não tão santas que frequentava e do vinho que transubstanciado viria a ser o sangue de Cristo. Fialho de Almeida no capítulo “Boêmios”, parte do livro *Figuras de Destaque* (1923), descreveu o ambiente vivido por Gomes Leal:

“Era ainda aqui há vinte anos uma capital da vida interessante, essa dos boêmios meio literatos, meio tres-noitadores da capital. A cidade, com os escaninhos, as ruas escusas, as casas de vício, os lausperenes, os frades de pedra e os galegos, propiciava a desenvolvimento dessas colônias de ratos cerebrais, vivendo de ceias de bacalhau e carrascão. [...] À esquina do rocio para a Rua Augusta, da banda esquerda, mesmo a ponta da rua, havia uma tabacaria onde das 10 e meia da noite para as 11 aparecia a purria de João de Deus para o cavaco: Gomes Leal [...] e ali se desfiava o dia físico, literatura, política, boas mulheres, quintilhas e chalaças, onde cada qual dava a beber do seu odre, o vinho irônico, nuns capitoso, noutros espúmeo, e azedo noutros, conforme os gênios, as sedes, os feitos desencontrados...” (ALMEIDA, 1923, P. 45-46)

Para além da vida boêmia, Gomes Leal era um poeta partidário de uma “poesia moderna, a poesia revolucionária, apaixonada”, que movia suas publicações e o levou para a prisão do Limoeiro, sob a acusação de chamar o rei de Judas e a rainha de meretriz. Publica em 1881 *A Traição - Carta ao Rei D. Luis sobre a venda de Lourenço Marques*, um panfleto que critica o acordo feito entre o Rei Dom Luis I (1838-1889) e a Inglaterra que permitia o acesso das forças britânicas ao Porto de Lourenço Marques na África portuguesa. Essa publicação em que chama o rei de “ladrão” e que diz: “é o ódio contra ti, ó régio salafatório!” é motivo para levar o poeta a prisão. Ainda na prisão escreveu a justificativa para suas palavras. Foi através de *O Hereje* (1881) que justificou sua fala dizendo que não tivera intenção de ofender. A passagem de Leal pela prisão foi um acontecimento muito noticiado entre os principais jornais de Lisboa e do Brasil. Foi considerada uma prisão política por Gomes Leal falar de forma “desrespeitosa” de Sua

Majestade. Usando um palavreado agressivo e incisivo, o poeta não se dizia violento, queria penas expressar através da poesia os desmandos de um governo que não pensava no povo. Para Hess, Gomes Leal apresentava uma poesia que falava do momento e “todos os seus panfletos são suscitados por um acontecimento atual e escritos de tal forma que não deixam quaisquer dúvidas quanto ao evento que se reportam”.

Massaud Moisés, estudioso da literatura portuguesa afirma que Leal no momento de suas primeiras publicações já seria “um revolucionário de via airada e panfletário (MOISÉS, 2013, P.237). Era o período em que grandes nomes da literatura portuguesa, alguns ainda despontando e outros já mais conhecidos, como Eça de Queiros, Antero de Quental, Teófilo Braga, Guilherme de Azevedo, Jaime Batalha Reis, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Cesário Verde, dentre outros compunham o cenário literário português com uma poesia política e recheada de críticas sociais e religiosas.

A segunda metade do século XIX em Portugal foi marcada por uma grande instabilidade política, tendo passado por uma Guerra Civil entre nacionalistas e absolutistas. As ideias liberais espalhavam-se pelo continente e chegavam à Portugal através de jornais e revistas que vinham principalmente da França e Inglaterra. Com uma expansão dessas ideias, o aumento do nível educacional da população, o crescimento de uma classe média que tenta se aproximar das elites e uma igreja que influencia tanto os políticos quanto a população, o país estava mergulhado numa crise, que para alguns só acabaria se fosse proclamada a República Portuguesa.

Gomes Leal vivia o burburinho político e social do momento e foi assim que vivendo um clima literário e político de profunda agitação que Gomes Leal começou a escrever, com sua obra poética, seu texto panfletário e a escandalizar a “rotineira burguesia alfacinha” e continua dizendo que foi tamanho o escândalo que teve de escrever uma prosa que para ele era “arruaceira, chocarreira, ribaldeira e tamborileira”. (LEAL, 1900, P.98)

E assim, com um estilo panfletário, atual e crítico que Gomes Leal se manifesta em relação ao atentado sofrido pelo então Imperador do Brasil, Dom Pedro II partindo da ideia de protesto sem violência física que Leal escreveu a carta ao Imperador do Brasil.

O momento político brasileiro já estava bem agitado com os ares republicanos pairando sobre a capital. O atentado ocorreu cerca de quatro meses antes de acontecer a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889. Aconteceu então, que na noite do dia 15 de julho de

1889, Dom Pedro II, Imperador do Brasil sofria um atentado ao sair do Theatro Sant'Anna, no Rio de Janeiro. A notícia chocara tanto os brasileiros quanto os portugueses, como podemos observar através de notícias em jornais brasileiros e portugueses:

“Pela primeira vez, após um reinado de mais de meio século, fora quebrado o respeito que sempre cercou a pessoa do imperador”. O Paiz, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1889.

“Em Portugal, e nomeadamente em Lisboa [...] irrompeu de todos os corações um brado de protesto e de indignação, que se avolumou e cresceu ao saber-se que era um português o autor do atentado”. O Ocidente, Lisboa, 01 de agosto de 1889.

“Revolucionários, sim, assassinos, nunca!” (República Brasileira, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1889)

Revolucionários, sim, assassinos, nunca! Essa frase proferida pelo partido republicano brasileiro após o atentado, bem poderia ser um dos poemas de Gomes Leal. Poeta português, conhecido por escrever poesias revolucionárias e panfletárias, ou seja, que retratavam o momento atual, um dos temas da vasta obra do poeta, a atualidade. Mesmo com sua trajetória combativa, não achava que seria através da violência que os objetivos republicanos seriam alcançados. Essa ideia pode ser comprovada através da publicação “A morte do Rei Humberto e os Críticos do fim do Mundo”, em que critica o assassinato do rei, que foi morto em julho de 1900, logo, após o atentado ao imperador brasileiro, mas deixa bem clara a posição do poeta. O rei Humberto, em consequência da violenta repressão ordenada pelo rei em Milão dois anos antes contra o movimento operário. “Em que se prova que a Europa endoideceu”, dá nome ao primeiro capítulo da obra de Leal.

Assim, em desagravo ao atentado sofrido pelo Imperador brasileiro, publica em 1889 o poema “Protesto d’Alguém. Carta ao imperador do Brasil”. Lançado logo após o ocorrido, contava ainda no mesmo ano com cinco edições da então carta de protesto escrita em forma de poesia. Gomes Leal reproduz sua indignação inicial se questionando sobre quem aspiraria a tal ato. Exalta a figura de Pedro II e se levanta quais os motivos que levariam um compatriota a cometer a tentativa de assassinato.

Diversos jornais brasileiros deram a conhecer a publicação do poeta português, dentre alguns dos que pudemos localizar temos: O Paiz – RJ (1884-1934), A Ilustração: Revista Universal - Paris (1884-1890), Novidades – RJ (1887-1892), Gazeta da Paraíba – PB (1888-1890), Diário Português – RJ (1884-1885).

O notável e extravagante poeta, título recebido em uma crônica de A Ilustração: Revista Universal publica o poema se apresentando como: “Alguém que a nada aspira e que vem protestar” e dirige-se diretamente ao Imperador-Filósofo, expressão da mesma revista. Continua se apresentando como quem “tem a alma mais límpida que a prata/d’um lento fio d’água entre palmeiras”. E que tem andado “por cerros e colinas/é certo, com heróis agitadores”. Mas se conserva longe do sangue das chacinas e “só quer e só almeja/a antiga paz, sob a oliveira antiga”.

Gomes Leal continua falando sobre seu jeito pacífico que “nunca navalha usou de ponta e mola”, e que “fala de amor e paz, como um boieiro/cantando num poente alaranjado”. Esse poeta que só prega a paz e que não é adepto da violência e “quando o sangue cai e ensopa a luta/vem direita a nossa alma e diz: - escuta, levanta a voz e ergue a mão, protesta!” e esse protesto deve ser mais enfático, principalmente por ter sido levantada a “fratricida mão!”.

Podemos perceber aqui que além da indignação pelo atentado, pelo ato, o que mais indignara Gomes Leal, foi o fato de ter sido um atentado cometido por um português, daí a expressão fraticida, que é o crime cometido entre irmãos, ou pessoas que possuem laços fraternais.

O protesto continua em mais uma estrofe que fala: “flagela aquela voz que disse a arma/atira a esse velho imperador!...”, ou seja, aqui Gomes Leal defende que haja uma punição para aquele que disparou os tiros. É como se uma voz em forma de consciência falasse com o poeta: “indignate, e alto fala contra a chacina vil e as glórias vãs de atirar”.

E a voz da consciência que leva o poeta a protestar continua se questionando: “quem é que mata um velho?... o mundo novo tanto acato perdeu já à velhice que a não respeita no redil do povo, nem no trono dos reis?”. Dom Pedro, para além de ser o governante, o imperador do Brasil, é um velho, nas palavras de Gomes Leal, e para tal merece respeito. Acaso o novo mundo não respeita os seus velhos? E continua: “Quem diz? Quem disse? /quem é, pois a tigrina/fúria moderna”.

O poema segue com mais questionamentos sobre a ação: “Digam qual dos nossos serve a ideia que almeja sangue? Só um louco, é certo”. Gomes Leal aqui, se dirige ao Imperador. “Se acaso, do meu lado, alguém tocasse nos cabelos teus/eu dar-te-ia o meu braço, velho honrado/e iria contra o sangue e contra os meus!...” A indignação aqui apresenta-se de forma que caso fosse necessário, o poeta iria contra os que estavam ao seu lado. Fato esse que pode ser entendido como o estranhamento causado

a alguns republicanos com a carta dirigida ao imperador demonstrando indignação.

Nessa parte do poema, o autor tece inúmeros elogios ao imperador. Dom Pedro foi aclamado como o “pai dos pequeninos”, “amigo dos poetas, heróis e dos cantores”.

Morre sorrindo, em paz, olhando os brilhos
do sol nas palmas semelhante lanças ...
morre em paz, entre os braços de teus filhos,
morre em paz, a beijar inda as crianças...
Morre em paz, bom amigo
dos poetas, heróis, e dos cantores!
Cresça a palma e a oliveira em teu jazigo.
Por entre loureirais que plantem flores.
(LEAL, 1889)

Gomes Leal segue sua carta e repreende o português imigrante, que seria o lavrador constante dos sertões brasileiros, a quem o Imperador concede o sal amigo e a tenda na savana. O povo brasileiro, o heroico povo, que pertence a mundo novo onde paisagens são semelhantes a gigantes, merece ver o seu soberano morrer feliz, como um poeta que quis mais sol para morrer contente. O poeta busca a paz universal em seus versos. “E tu, minha alma, onde o ideal se encerra da paz universal, que lenta vem ...”. Depois de desejar a paz universal, apresenta mais uma vez que seja lavado esse borrão da História.

Como a flecha do raio que fulmina,
e rue o mesmo teto d’uma igreja,
fustiga todo o braço que assassina,
toda a mão que estrangula e que vareja.
Açoita, a golfar pingos
de sangue, os homens maus de curtas vistas,
quer adorem a Krup ou S. Domingos,
a Santa Inquisição ou os Niilistas.
(LEAL, 1889)

Ainda que Gomes Leal escreva que os homens maus devem ser punidos, pede perdão ao Imperador.

E, agora, que eu ergui bem alto o brado
contra o sangue que enlaiva, que envilece...

perdão, Senhor, para esse desvairado,
 a quem a dor crucia, e amarelece.
 Tem vinte anos somente!...
 o insano infeliz! Perdeu o tino!
 Não é completo quem não é clemente.
 — Perdão, Senhor, perdão para o assassino.
 Perdão, pelas conquistas que tem feito
 o Homem sobre o seu avô dos mattos.
 Perdão, em nome do actual Direito
 sobre o vêsgo direito de Pilatos.
 Perdão, pelas secretas,
 mas profundas raizes da Razão.
 Perdão, Senhor, em nome dos poetas.
 Perdão, Senhor, em nome do Perdão.
 (LEAL, 1889)

Ainda tentando desvendar alguns dos laços que uniam Gomes Leal ao Brasil, deparamo-nos com uma carta escrita ao então Presidente da República Campos Sales. A carta serviu de prefácio ao livro *Fim de um mundo – Sátiras modernas* publicado em 1899 e lançado pela Livraria Chardron.

Manuel Ferraz de Campos Salles (1841-1913) foi o quarto presidente da República do Brasil tendo seu mandato entre 1898 e 1902. Seu governo foi baseado em uma espécie de reestruturação econômica tendo a privatização como um de seus pilares para tentar equilibrar as contas públicas.

Era um momento de efervescência política no mundo que vivia um apocalipse social na Europa. Portugal, em particular lidava com o Ultimatum Britânico, que tendo cedido às exigências inglesas causava um enorme desconforto na sociedade lusitana. O campo literário nesse momento se erguia de forma contrária a Inglaterra e conseqüentemente o governo português.

Assim, Gomes Leal escreve os horrores do final do século iniciando por enumerar alguns dos males da humanidade como: “o direito, a moral, as religiões, as instituições, os costumes, as consciências que são como pardieiros velhos e escavacados”. (LEAL, 1899, P.6) Segundo Leal, a civilização cristã caminha a passos largos para uma decadência sem volta. É a percepção de que o modo burguês é falho e gera muitas desigualdades. A miséria vista e revista é explicitada na carta:

A grande massa cheia de farrapos, andrajos, tribulações, desesperos, soluços e dores compreende vagamente que é burlada pela moral dos códigos. Quando ela o compreender, nitidamente, como um teorema geométrico, o que sucederá? (...) Quem poderá refrear essa onda lavosa, revolta, faminta, esguedelhada e bárbara, que quererá escavar os ídolos de quem temeu os raios; que a mandaram para os desterrados, as galés, as epidemias, os tremedais, as insolações; - ante quem ela chorou de rastos, a quem se enlaivou, a quem se prostituiu, a quem beijou os pés? (LEAL, 1899, P.12)

Leal é um poeta da miséria social de modo que esse prefácio exemplifica a forma com que pensava. Como que se pudesse prever, dizia ainda que a sociedade assistiria a um “conflito de raças esfomeadas”, a Europa como um cataclisma. Mais a frente questiona: “como resolver a questão econômica?” e na continuação da discussão já apresenta a resposta. Toda a sociedade deveria trabalhar recebendo salários dignos que pudessem suprir os sustentos e necessidades de todos da família.

Outro questionamento feito no texto se refere a partilha da Terra. Como isso poderia ser feito? Para Leal, sem dividir nunca. Todos deveriam ter direito a terra, em que cada um poderia lavrar e cuidar tendo ainda estudo para que pudesse cuidar da melhor maneira. Refere-se também ao direito ao voto, onde todos que soubessem ler deveriam ter o direito. O que parece ser uma utopia de Gomes Leal, na verdade faz parte do pensamento de diferentes estudiosos do final do século.

A geração estaria hipnotizada por um “Bezerro de Ouro” que como na passagem bíblica em que o povo ficou adorando ao bezerro e não percebeu qual era a vontade de Deus, na civilização europeia, o bezerro seria o simbolismo do dinheiro em que a ganância do capitalismo faz com que o resto do grupo seja esquecido, no caso os trabalhadores e os mais pobres. Termina a carta pedindo a Campos Salles que não deixe que o jovem povo brasileiro seja contaminado pela doença europeia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar Gomes Leal é dedicar-se a alguém que dedicou sua vida a poesia colocando-a em primeiro lugar em sua vida, é se embrenhar por obras estranhas, energéticas, que causam dúvidas e causam também uma enorme tristeza em perceber que as mesmas reivindicações feitas lá no final do século XIX ainda fazem parte aqui no século XXI das nossas próprias reivindicações.

Gomes Leal é um poeta de contradições. Revolucionário e convertido, sozinho e cercado de mulheres, um janota e sem dinheiro. Viveu a vida da boemia e das palavras, muitas palavras. Teve uma morte beirando o esquecimento e a mendicância. No ano do centenário de seu falecimento e diferente de outros poetas não houve homenagem, nem mesmo foi digno de matérias nos principais periódicos portugueses. Uma ou outra notinha relembra a trajetória desse que pode ser sim, um dos maiores escritores portugueses da história. Seu brilhantismo foi percebido por Fernando Pessoa que dedicou a ele um poema que uso para terminar trabalho.

GOMES LEAL

Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.
Seus três anéis irreversíveis são
A desgraça, a tristeza, a solidão.
Oito luas fatais fitam no espaço.

Este, poeta, Apolo em seu regaço
A Saturno entregou. A plúmbea mão
Lhe ergueu ao alto o aflito coração,
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

Inúteis oito luas da loucura
Quando a cintura tríplice denota
Solidão e desgraça e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,
Vestígios de maligna formosura:
É a lua além de Deus, álgida e ignota.

Poesias. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995). - 225.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fialho. **Figuras de destaque**. Lisboa. Livraria A. M. & Cia. 1923

HESS, Rainer. **Os inícios da lírica moderna em Portugal (1865-1890)**. Tradução Maria Antônio Hoster e Reanto Correia. Lisboa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1983

LEAL, Gomes. **Claridades do sul**. Lisboa: Braz Pinheiro - 1875

_____. **Claridades do sul**. Prefacio De José Carlos Seabra Pereira. Lisboa:
Assirio & Alvim - 1998

_____. **Mefistófeles em Lisboa**. Prefacio De José Carlos Seabra Pereira.
Lisboa: Assirio & Alvim – 2004

NEMESIO, Vitorino. **Conhecimento de poesia**. Lisboa: Verbo, 1970

_____. **Destino de Gomes Leal; poesias escolhidas**. Prefacio De José
Carlos Seabra Pereira. - 4. ED. Lisboa: Imprensa nacional - casa da moeda,
2007